

EDUCAÇÃO PÚBLICA

TODOS PELA EDUCAÇÃO

[TODOS PELA EDUCAÇÃO](#)

[EDUCAÇÃO NUMA HORA DESTAS?](#)

[IGREJA NAS ESCOLAS](#)

[CREDO!](#)

[ESTADO LAICO? NEM TANTO](#)

[OS ESCRAVOS DO SÉC XXI & COMO DEIXAR DE SER UM SERVO NO SÉC. XXI](#)

[AFINAL, QUAL É O PAÍS QUE QUEREMOS?](#)

De: Mensagem Cristovam [<mailto:mensagem-cristovam@senado.gov.br>]

Enviada em: sexta-feira, 5 de agosto de 2016 18:35

Para: manfredo@unb.br

Assunto: Artigo publicado no jornal Correio Braziliense, em 02/08/2016

Todos pela Educação

Cristovam Buarque

Senador pelo PPS-DF e professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

Ver em: <http://www.cristovam.org.br/portal2017/2016/08/02/todos-pela-educacao-c-braziliense-02-08-2016/>

À véspera de entrarmos no terceiro centenário como nação independente, podemos olhar para o passado e, orgulhosos, mostrarmos aos nossos antepassados o país que fizemos, ao mesmo tempo em que, com vergonha, mostrarmos aos nossos descendentes o Brasil que deixaremos para eles. O diálogo com o passado pode ser gratificante, com o futuro é preocupante.

Nestes anos próximos ao bicentenário conseguimos atingir um PIB de R\$ 5,9 trilhões que nos deixam entre os nove países mais ricos do mundo; é um resultado animador, mas se olharmos para as características deste produto, vemos que até hoje mantemos a produção limitada aos bens primários da agricultura, da mineração e de uma indústria metalmeccânica. Salvo exceções, não estamos deixando uma economia inovadora, capaz de enfrentar os desafios da inovação científica e tecnológica que caracterizará a economia do futuro.

Este produto, entretanto, deixa-nos em 77ª posição quando consideramos o PIB per capita; comemoramos a riqueza dos mais de duzentos milhões de brasileiros, mas nos envergonha deixar a renda per capita ao ano em apenas U\$7,6 mil por brasileiro. Ainda mais grave, estamos em 7º lugar, de baixo para cima, nos indicadores de distribuição de renda entre 127 países.

Temos de reconhecer que continuamos como uma das mais perversas sociedades do mundo; faz 128 anos que abolimos a escravidão explícita, mas não fomos capazes de incorporar seus descendentes negros menos pobres em uma mesma família nacional. Demos um salto, nas últimas décadas, ao ponto de reduzir bastante o flagelo da fome endêmica, mas não elevamos nossas massas ao acesso de saneamento, água, saúde e educação de qualidade.

Mais grave, nestes duzentos anos fizemos a mais violenta sociedade deste final de século: cerca de 59 mil pessoas são assassinadas por ano, outras 45 mil são mortas por acidentes de trânsito; deste total, dez mil assassinatos são de crianças e adolescentes. Este quadro parece se agravar no futuro deixando, daqui para frente, um quadro de guerra civil sem bandeiras, sem propostas como violência pela sobrevivência, sem respeito às leis. Mais que isto, tememos um processo de desarticulação da sociedade brasileira dividida em corporações, gangues, bandos, sem sentimento de solidariedade patriótica, sem aglutinação; pedimos desculpas aos descendentes porque não fomos capazes de criar instrumentos de aglutinação social.

Fizemos uma revolução urbana em proporções nunca vistas no mundo. Em sessenta anos, nossa demografia passou de 36% para 83% vivendo na cidade; fizemos “monstrópoles”, não metrópoles: divididas entre condomínios e favelas em uma triste “apartação”.

E sabemos que tudo isso é o resultado, sobretudo, do abandono da educação, negada por quase todos os dois séculos anteriores para a imensa maioria pobre e oferecida de forma insuficiente para a minoria dos ricos.

Depois de dois séculos, apesar das estatísticas que nos orgulham, olhamos o passado, de que nos últimos trinta anos chegamos ao patamar de 93% de crianças matriculadas; mas reconhecemos que este número não leva em conta os que poucos deles frequentam, assistem, permanecem e aprendem; em relação aos antepassados, comemoramos o fato de que 6,5 milhões se matriculam em faculdades, mas deixaremos para o terceiro milênio 13 milhões de analfabetos, incapazes de ler até mesmo o lema de nossa bandeira; deixaremos no máximo 10% a 20% terminando um ensino médio de razoável qualidade, colocando o Brasil na 58ª posição entre os 64 países avaliados pela OCDE.

O mais grave é chegarmos ao final do segundo centenário, sem percebermos que a educação é o único viaduto para entrarmos no terceiro. Este talvez seja nosso maior fracasso: a falta de consciência da importância da educação de qualidade e com qualidade igual para todos.

Os dez anos de funcionamento do movimento “Todos pela Educação” é prova de nosso fracasso e nosso êxito: em uma sociedade que desse importância à educação, não seriam necessários movimentos da sociedade civil como este; no Brasil real sua existência mostra que estamos despertando para a necessidade de educação como condição para ingressarmos no nosso terceiro século de país independente.

Sem isto, daqui há cem anos outros olharão para trás se perguntando por que os antepassados de 2016 não fizeram o que era preciso, mesmo com a atenção de entidades como “Todos pela Educação”.

Artigo publicado pelo Jornal Correio Braziliense – 02/08/2016

De: Manfredo Winge
Enviada em: quinta-feira, 25 de agosto de 2016 18:53
Para: Sen. Cristovam Buarque (cristovam@senador.gov.br)
Assunto: ENC: Artigo publicado no jornal Correio Braziliense, em 02/08/2016.

Prezado colega, professor emérito e eminente senador Cristovam,

agradeço o envio do artigo com uma sinopse objetiva de nossa triste situação socioeconômica e um claro recado do perigo que corremos ao não ser envidado um *tour de force* para colocar o ensino e conseqüentes educação e cultura do povo em um patamar médio, pelo menos razoável. Patinando em propostas como à da Base Curricular Nacional é que não se chegará lá. Vi no site que até o MST, uma organização que prima por tranca-ruas, invasões de terras e de prédios públicos, não tem nem CNPJ nem responsáveis indicados, consta como participante dos encontros para definir essa base.

É necessário que especialistas, principalmente professores, que têm se destacado em ensino de matérias fundamentais (matemática, português, química, física, geografia e história, filosofia, artes, ..) pelos altos resultados pedagógicos alcançados com números significativos de alunos bem sucedidos, colaborem para, em um simpósio periódico (bianual?), procederem a formulação/revisão das propostas de currículos **mínimos** relacionadas ao ensino de cada matéria nos vários períodos letivos com indicação e recomendação de metodologias, equipamentos e laboratórios, instalações e aulas práticas. Os simpósios poderiam ser coordenados pelo MEC e secretarias estaduais de educação e envolver, além dos aspectos setoriais de cada matéria, a busca de coordenação e sinergia horizontal interdisciplinar entre currículos de mesma série escolar e a construção vertical progressiva do conhecimento de cada matéria com definição e solução de pontos críticos nesta construção. Tais simpósios poderiam contar com mesas redondas envolvendo professores dos diversos níveis de estudo, ensino e pesquisa (fundamental, médio, técnico e superior) objetivando definir como chegar a uma maior capacitação na formação de docentes, e, simultaneamente, soluções para deficiências em pré-requisitos necessários para galgar as várias etapas de aprendizado. E, complementarmente, indicar e propor soluções ou projetos para a busca de soluções envolvendo, de forma integrada, os níveis administrativos setoriais da educação e cultura municipais, estaduais e federais em uma estrutura programática matricial e com projetos simples, objetivos e bem planejados em termos de atividades, tempos e custos visando a alavancagem do País no setor de educação.

Parabéns pelos sistemáticos, construtivos e contundentes artigos para sacudir a administração pública principalmente na área crítica de ensino e cultura.

Saudações

Manfredo Winge

Prof. aposentado da UnB

De: Manfredo Winge

Enviada em: sábado, 7 de outubro de 2017 20:33

Para: Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Cc: 'Dep. Adão Villaverde (villaverde@al.rs.gov.br)'; Dep. Beto Albuquerque (dep.betoalbuquerque@camara.leg.br); Dep. José Fogaça; Dep. Margarida Salomão; Dep. Onix Lorenzoni (dep.onixlorenzoni@camara.leg.br); 'Dep. Osmar Terra (dep.osmarterra@camara.gov.br)'; 'Dep. Vieira da Cunha (dep.vieiradacunha@camara.gov.br)'; Sen. Alvaro Dias (alvarodias@senador.gov.br); 'Sen. Ana Amélia (ana.amelia@senadora.gov.br)'; Sen. Lasier Martins; 'Sen. Paulo Paim (paulopaim@senador.gov.br)'; Ver. Adeli Sell; Ver. Valtér Nagelstein; Aristides Arthur Soffiati Netto (as-netto@uol.com.br); Carolina Bahia; Cláudia Laitano; David Coimbra (david.coimbra@zerohora.com.br); Francisco Marshall (chicomarshall@gmail.com); Larissa Roso (larissa.roso@zerohora.com.br); Luis Fernando Verissimo; Lya Luft; Martha Medeiros; Paulo Germano (paulo.germano@zerohora.com.br); Percival Puggina; Rosane Oliveira

Assunto: ENC: Artigo publicado no jornal Correio Braziliense, em 02/08/2016 E MAIS TRES CRÔNICAS

Prezado colega Cristovam,

ano passado, na época do envio deste e-mail “circular” sobre o seu excelente artigo, perdi a oportunidade de lhe enviar um outro artigo curto e singelo, mas dentro da linha do seu e que colarei, agora, logo abaixo para a sua apreciação - e dos demais em c/c.

Aproveito e colo mais dois artigos:

(1) sobre ensino de religião nas escolas e (2) um “sincretismo” humorístico de nosso mundo digital de redes sociais com religião na forma de uma *pungente* oração.

Achei todos importantes e instigantes abordando questões importantes na busca de remédios para a **maior ferida do nosso País: a situação falimentar de nosso sistema de ensino e pesquisa**: uma tragédia. Enquanto isso muitos de seus colegas parlamentares querem bilhões para “propaganda eleitoral”; um acinte [como, propaganda? para vender o quê? candidato nem é funcionário do Estado para poder gastar o \$\$ do contribuinte— ver minhas sugestões a respeito de reforma do SISTEMA ELEITORAL no site http://mw.eco.br/zig/Pequenas_Sugestoes.pdf].

Cordiais saudações

Manfredo

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zig/hp.htm>[confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

© ZERO HORA – 12/9/2016 Ver: <http://zdobsonbr.rs/opinio/nao/2016/09/sep-publica-educacao-uma-hora-destas-7407349.htm#>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

José Paulo da Rosa: educação numa hora destas?

Diretor do Senac/RS

O leitor pode ter em casa um televisor Samsung ou LG. Talvez possua um carro Hyundai ou Kia. Marcas de empresas da Coreia do Sul. Esse país ficou de 1910 a 1945 sob o domínio do Japão. Enfrentou uma guerra que levou à separação entre Sul e Norte. Mesmo com tudo isso, os coreanos do Sul resolveram priorizar a educação. Dedicaram-lhe 10% do PIB. Valorizaram os professores, a educação básica, a excelência na gestão escolar e o envolvimento da família e da sociedade.

Quando a priorização aconteceu, em 1950, os indicadores econômicos da Coreia do Sul eram inferiores aos do Brasil. Certamente, com tantas dificuldades, alguns questionaram essa prioridade. Ao escolher a educação, entretanto, a média de anos de estudo de sua população chegou ao dobro da média brasileira e seu PIB per capita ficou três vezes maior que o nosso. Além disso, surgiram empresas de alta tecnologia.

O Brasil teve dificuldades e avanços, mas jamais priorizou a educação. No RS, estamos dando atenção plena à segurança, que carece de ações de curto prazo. Ano que vem, talvez seja saúde, ou infraestrutura. A educação fica para depois.

Em 1916, Henri Fayol publicou o livro Administração industrial e geral. Faz cem anos. Nele, o fundador da Teoria Clássica da Administração estabeleceu cinco funções administrativas: planejar, organizar, comandar, coordenar e controlar. Além disso, cabe ao administrador fazer as escolhas certas.

Empresas privadas sentem na carne as consequências da má administração e quebram. Governos não quebram, mas fazem com que a sociedade sofra. E um dos principais problemas é a má administração pública e suas escolhas erradas.

Não é fácil priorizar. A opção pela educação na Coreia de 1950, com tanta pobreza e violência, não foi unânime. Alguém deve ter comentado: educação numa hora destas? Carentes de uma administração que altere a realidade do Brasil e do RS, e às vésperas de mais uma eleição, é

importante lembrar que sempre é hora para a boa gestão e, especialmente, para a qualidade da educação. Ah, estive na Coreia e não encontrei produtos brasileiros.

© ZERO HORA – CADERNO DOC 30/9/17

© <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2017/09/igreja-nas-escolas-o-contribuinte-paga-a-pregacao-cj86aioqf006301mr9gev8mh5.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

Igreja nas escolas: o contribuinte paga a pregação

[Paulo Germano](#)

29/09/2017 - 16h43min Atualizada em 29/09/2017 - 17h48min

Ao permitir que professores de ensino religioso promovam sua própria fé em colégios públicos, o Supremo obrigou a população a bancar perigosas aulas de catequese

Qualquer seita, quando começa, tende a ser apocalíptica. Max Weber dizia isso. Só ela carrega a verdade, só ela merece a glória, só ela sabe das coisas — a partir daí, vem o fanatismo, a intolerância e a violência. Depois de um tempo, já estabelecida como doutrina, a seita concorda em conviver com outras seitas, incorpora princípios do Direito e vai se secularizando.

Boa parte das novas igrejas pentecostais, algumas mais jovens do que você e eu, ainda atravessa a fase apocalíptica. Seus sacerdotes rejeitam o ecumenismo, acusam católicos de idólatras, espíritas de perversos e umbandistas de filhos do Diabo. Há um farto acervo no YouTube mostrando isso. Representantes desse grupo, no Congresso, dedicam-se a impor suas convicções morais à sociedade inteira e trabalham há tempos para colher fiéis inclusive nas escolas. Não conseguir. Desde quarta-feira, quando o Supremo decidiu que um professor de ensino religioso pode, em um colégio público, representar uma religião específica, milhões de alunos estão sujeitos a proselitismo com dinheiro público. Alguém dirá que eu exagero. Pois agora mesmo, em setembro, uma série de ataques a terreiros de umbanda e candomblé, com pesadas agressões e ameaças a pais de santo, chocou o Rio de Janeiro — toda a ofensiva foi orquestrada por traficantes que se converteram a igrejas pentecostais quando estavam presos. A polícia investiga a participação de pastores. Se o discurso desses pastores cola com traficantes, que efeito causaria em estudantes? Aliás, no ensino municipal do Rio, onde o prefeito é justamente um pastor pentecostal, quem a ministra Cármen Lúcia — autora daquele irresponsável voto de Minerva — acredita que terá influência nas comunidades para ministrar aulas cuja pregação da fé é permitida? Um rabino? Um brâmane? Um padre? Um pajé?

Quando ingressou com a ação na Corte, a intenção da Procuradoria-Geral da República era justamente acabar com uma prática nada laica sobre a qual nenhuma lei arbitrava: o ensino público

hoje pode fazer parcerias com igrejas ou instituições religiosas para contratar professores. Além de liberar essa incongruência, o Supremo indiretamente limitou a atuação da escola. Que poder terá um reles diretor de colégio para exonerar um professor doutrinário se o próprio Judiciário o autoriza? Ao obrigar todos os contribuintes — sejam eles cristãos, judeus, umbandistas ou ateus — a bancarem uma catequese com seus impostos, a decisão do Supremo por si só já é escandalosa. Em um momento mundialmente marcado pela perseguição a credos, ideologias e liberdades, a sentença torna-se tão apocalíptica quanto boa parte das novas igrejas pentecostais.

CREDO!

© ZERO HORA – CADERNO DOC 30/9/17

Ver em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/mario-corso/noticia/2017/09/credo-cj8690crs00bs01pd53pz2yz1.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfred Winge]

Mário Corso
psicanalista/cronista de ZeroHora

CREDO!

Creio em Google todo poderoso, criador de todas realidades.

Assim como Facebook seu filho bastardo. Nosso senhor terreno.

Que foi concebido pensando na fama.

Pelo enorme poder da nossa vaidade.

Venha a nós o teu reino digital.

Agradecemos aos likes que nos tens enviado, assim como não nos deixais cair em esquecimento.

Creio no Instragam.

E no santo Twiter.

Na comunhão dos aplicativos.

Na remissão dos das senhas esquecidas.

Na ressurreição do Orkut.

Ave Internet cheia de graça, os Hackers são convosco.

Maldita sois vós entre os bitcoins, assim como maldito é o fruto do teu ventre: os spams e os vírus.

Perdoai nossas involuntárias fake news, assim como perdoamos quem não curtiu nossas fotos.

Bendito sejam os filtros, e a santa Photoshop, por corrigirem as imperfeições das nossas selfies. Sem elas não contornamos a solidão.

Bendito sejam os fones de ouvido, que graças ao Spotify, nos isolam das trombetas do juízo final.

Ore por nós para o wi-fi ser livre e não perdermos o sinal.

Ora pro nobis para não sermos bloqueados.

WhatsApp de todos os santos, pelo amor de todos os anjos, serafins e querubins, não permitais que nos adicionem a mais um grupo.

Santo Iphone que estás no céu tecnológico, nos poupe de ficar sem bateria.

Não nos deixe cair na tentação de postar enquanto estamos bêbados, como cuidaremos dos nossos amigos para não fazer a mesma besteira.

Santo Tinder, defensor do solitários infelizes, rogai por nós. Acendei no próximo o fogo que nos falta. Encaminhai esperança para essa carcaça sem vida.

Santo Waze, protetor de todos perdidos, oriente nosso caminhos nesse mundo de trevas. Devolva a luz para esses pobres pecadores sem rumo e sem fé.

Santo anjo do senhor, nosso zeloso guardador.

Livrai-nos de ser rachados na Internet.

Amém!

© Publicado em: <http://www.reportergramado.com.br/single-post/estado-laico-nem-tanto-milton-medran-moreira>

Texto publicado em ZH de 29 de setembro de 2017, página 23

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

ESTADO LAICO? NEM TANTO

Milton Medran Moreira

medran@via-rs.net

Procurador de Justiça aposentado, jornalista, diretor do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre.

O Supremo Tribunal Federal acaba de perder a oportunidade de referendar o caráter laico do Estado brasileiro. A Procuradoria-Geral da República questionou a constitucionalidade de dispositivo da Lei de Diretrizes e Bases que permite o ensino obrigatório, embora de matrícula facultativa, do ensino religioso nas escolas públicas. Por interpretação dada àquela lei, ministros de confissões religiosas são chamados a dar aulas de religião nas escolas públicas. Para a PGR,

atenta contra a laicidade do Estado a docência, por ministros de uma religião, de seus dogmas em escolas públicas. Pretendia a ADI substituir o ensino confessional por conteúdos históricos das religiões, a cargo de professores públicos.

Apesar do brilhantismo com que o relator, ministro Luís Roberto Barroso, acolhia, em seu voto, a pretensão do Ministério Público Federal, a ação acabou julgada improcedente por seis a cinco. Para Barroso, "cada família e cada igreja podem expor seus dogmas e suas crenças para seus filhos e seus fiéis sem nenhum tipo de embaraço". As escolas privadas também. Mas não a escola pública, que "fala para o filho de todos, e não para os filhos dos católicos, dos judeus, dos protestantes": "Uma religião não pode pretender apropriar-se do espaço público para propagar sua fé".

Mas, para a maioria, falaram mais alto do que a moderna razão laica e livre-pensadora vetustas tradições que teimam em manter amarrados entre si Estado e religião. Onde se poderia avançar, por decisão soberana da Corte Suprema, retrocedeu-se.

Sim, a lei não obriga o aluno a assistir às aulas de religião, cuja matrícula é facultativa. Mas, como se infere do voto de Barroso, a simples presença de ministro de uma entre tantas religiões em escola pública, ensinando seus dogmas, implica privilégio atentatório à liberdade de crer ou não crer. Questões que dizem com a fé devem ser construídas autonomamente no íntimo do educando. A religião, ainda que respeitáveis seus propósitos, há de se circunscrever ao espaço privado do lar ou dos templos. A educação, a partir de pressupostos de validade universal, deve ter seus parâmetros regulados e fiscalizados pelo Estado. Só assim se tornará efetivo o princípio vigente nas Constituições de todos os países democráticos, inclusive o nosso.

A separação entre Estado e religião (ou religiões, que, cá, proliferam tentando teocratizar o Estado) é fruto do iluminismo, conquista que não pode sofrer retrocessos. Aqui, sofreu, com o julgamento da ADI 4.439.

DAVID COIMBRA

david.coimbra@zerohora.com.br



Os escravos do século 21

Quando foi inventado o trabalho, inventou-se a escravidão. Não apenas porque o homem não quer se ocupar de certas tarefas, mas porque a escravidão é a base da acumulação de riqueza. Sempre foi assim. Na Antiguidade, os escravos eram colhidos do chão úmido de sangue da guerra. "Ai dos vencidos!", exclamou uma vez o bárbaro Breno, e estava certo, porque os vencidos se viam reduzidos à servidão.

Outro meio eficiente de arregimentar escravos era por dívidas. Neste caso, escravos e senhores faziam parte do mesmo povo. A Bíblia conta com naturalidade a história do jovem Jacó, que se tornaria patriarca dos hebreus: ele se apaixonou pela bela Raquel e perdeu sua mão em casamento. O pai da moça, Labão, concordou, desde que Jacó trabalhasse de graça para ele por sete anos. Jacó aceitou o acordo e durante sete anos foi escravo de Labão.

Ao cabo desse tempo, realizou-se enfim o casamento. Na festa, a noiva se apresentou coberta por um véu pudico. Todos comeram e beberam à grande. Tarde da noite, os noivos deslizaram para o leito nupcial. Na manhã seguinte, Jacó acordou e... UARAFÓC??? Não era Raquel que estava a seu lado, mas sua irmã mais velha e menos bonita, Lia. Jacó foi pedir explicações a Labão, queria fazer uma troca, tinham lhe dado a irmã errada. Labão respondeu que não era bem assim, que não aceitava devoluções. E contou que, naquela região, a irmã mais velha se casava antes da mais nova. Se Jacó quisesse Raquel, tudo bem, mas teria de trabalhar de graça mais sete anos. Jacó gostava mesmo de Raquel, porque topou a proposta e trabalhou como servo outros longos sete anos.

Ou seja: mais do que escravizar alguém do próprio povo, Labão escravizou alguém da própria família. Foi o cristianismo que arrebatou moralmente com os fundamentos da escravidão. Se todos os homens são irmãos, um não pode submeter o outro. Foi essa contradição filosófica uma das razões para a decadência do Império Romano, que por mil ano se sustentou no trabalho escravo.

Na Idade Média cristã, o feudalismo deu justificativa razoável à exploração do fraco pelo poderoso. Porque os homens, agora, não eram mais propriedades de outros homens; eram propriedades da terra sobre a qual viviam.

Na Rússia, a servidão se estendeu até os anos 60 do século 19, um recorde. Mas a Rússia da época foi exceção. Em toda parte já não se tolerava mais tal instituição.

Os europeus precisavam encontrar uma saída engenhosa para manter o regime de ganho baseado no trabalho gratuito. Encontraram. Havia no planeta um lugar em que viviam homens que, para eles, não eram seus irmãos, porque eram diferentes. Eram negros.

Essa é a maior tragédia da escravização do homem africano: ele era considerado inferior devido à cor da sua pele. Isto é: uma inferioridade de nascença, impossível de ser removida. Uma dívida você pode pagar. Se você é escravizado por derrota bélica, pode lutar. Mas a sua pele você não pode arrancar. Essa é a insuperável crueldade da raça humana, e por isso o preconceito contra o negro é o pior dos preconceitos.

Mas com a abolição no último país escravagista, o Brasil, a servidão humana foi transferida para o proletariado, que, em troca de quase nada, trabalhava 16 horas por dia, oito dias por semana, como diriam os Beatles. Ai nos socorreu de novo a religião, tão pouco valorizada pelos intelectuais: o protestantismo tem, entre seus pilares, a educação para todos. Não foi por acaso que uma das ações mais importantes de Martinho Lutero foi traduzir a Bíblia para o alemão. O povo devia conhecer a palavra do Senhor. E, para conhecê-la, precisava saber ler.

Esses protestantes, a primeira coisa que faziam, ao fundar uma cidade, era abrir uma igreja e, ao lado, uma escola. A escola pública número 1 das Américas ainda funciona. É a Latin School, de Boston, fundada por protestantes em 1635.

A educação liberta. Libertou os povos de países protestantes da espoliação. Logo, os católicos do Ocidente os seguiram, e o capitalismo selvagem foi ficando manso nessa parte do mundo. Mas a riqueza, para ser acumulada, continua necessitando do trabalho, senão gratuito, barato. Assim, o modelo de exploração foi deslocado para as populações periféricas do mundo. Hoje, a nova África é a China. Ainda há ilhas de servidão em todos os países do Terceiro Mundo, com populações mergulhadas na ignorância, trabalhando muito e ganhando pouco, mas os chineses são mais convenientes

GAÚCHAZH

Leia outras colunas em gauhazh.com/davidcoimbra

para essas lides, por serem também escravos políticos. Há pouca margem para a indignação na China.

Estava chegando ao Brasil, mas acabou o espaço. Prossigo. Aguarde.

DAVID COIMBRA

david.coimbra@zerohora.com.br



Como deixar de ser um servo no século 21

Brizola tinha seus defeitos, todos temos, menos a Irina Shayk, mas havia nele uma grandeza rara. Brizola dedicou sua vida às outras pessoas, em especial aos pequenos brasileiros. Porque Brizola não gostava especialmente da boa mesa ou da bebida. Brizola não amava as mulheres, como Jango, ou o futebol, como Lula. Brizola não se distraía com o cinema, a literatura, a arte ou a música. Brizola, o que ele fazia, o tempo todo, era política. Mas a política com um fim.

Brizola queria salvar as crianças do Brasil.

Para atingir esse objetivo, muitas vezes ele prejudicou até a sua própria trajetória política, como quando fez acordo com Collor em troca da construção de Cieps no Rio de Janeiro. Aquela aliança custou-lhe caro, e o preço foi pago na eleição presidencial de 1994, a que encerrou sua carreira eleitoral.

Falar das crianças emocionava Brizola. Imagine que, quando ele foi governador do Rio Grande do Sul, construiu 6,3 mil escolas e contratou 40 mil professores. Isso no fim dos anos 1950!

Cevo a convicção de que, se Brizola tivesse sido eleito em 1989, viveríamos num país melhor. Ele teria errado bastante, disso também estou convicto, mas salvaria pelo menos uma geração das nossas crianças. Porque acredite, leitor de pouca fé, nenhuma grande nação foi construída sem que se desse atenção diferenciada a uma instituição: a escola pública.

Não é a indústria, a tecnologia, a riqueza de recursos naturais, a excelência das universidades ou a capacidade dos políticos que torna um país justo para sua população. É a escola pública.

Com boas escolas públicas, os povos da Europa, dos Estados Unidos, do Canadá, do Japão, da Coreia do Sul, de Israel e da Oceania elevaram sua compreensão

do mundo e seus padrões de exigência. Se o homem tiver uma educação básica de qualidade, terá o controle da própria vida. E não se submeterá facilmente à servidão. É por isso que as grandes empresas abrem filiais na periferia do mundo – porque nesses lugares a mão de obra é barata, o regime de trabalho é quase servil, e só é assim porque esses países oferecem ensino básico de baixo nível, o que mantém as massas submersas na ignorância, prontas para aceitar quaisquer migalhas para sobreviver.

A China ainda é o maior provedor desse tipo de trabalhador, egresso do interior atrasado do país, mas lá os níveis de educação se elevam a cada ano. Logo os chineses terão um papel de maior protagonismo no cenário econômico e novos mercados de semiescravos terão de ser abertos no planeta.

E o Brasil? Teria o Brasil energia e competência para construir um bom sistema de escolas públicas, escolas em que as crianças entrassem de manhã e saíssem à noite, com corpo e espírito bem tratados e alimentados? Teríamos consciência e sabedoria para fazer esse tipo de escolha? Pois tudo na vida são escolhas. Agora mesmo, o Estado brasileiro teve o juízo de optar pela ajuda às pessoas mais pobres durante a crise do coronavírus. Esses R\$ 600 mensais estão garantindo a sobrevivência de muitas famílias no país, e há quem defenda que o auxílio emergencial se torne permanente.

Não tenho dúvida de que, enquanto continuarem as restrições causadas pela pandemia, terá de continuar também o auxílio. Mas, depois que o Mal passar, que tal direcionar recursos

e empenho para a escola pública? Poderíamos fazer essa escolha. Poderíamos decidir que permanente, de fato, seria a formação de cidadãos no Brasil.

GAÚCHAZH

Leia outras colunas em gauhazh.com/davidcoimbra

NOVOS AFORISMOS E QUAL É O PAÍS QUE QUEREMOS?

Enviada em: quarta-feira, 27 de janeiro de 2021 17:40

Para: 'acir@senador.leg.br'; 'aecio.neves@senador.leg.br'; 'sen.airtonsandoval@senador.leg.br'; 'alvarodias@senador.leg.br'; 'ana.amelia@senadora.leg.br'; 'angela.portela@senadora.leg.br'; 'antonio.anastasia@senador.leg.br'; 'antonio.carlosvaladares@senador.leg.br'; 'armando.monteiro@senador.leg.br'; 'ataides.oliveira@senador.leg.br'; 'benedito.lira@senador.leg.br'; 'cassio.cunha.lima@senador.leg.br'; 'cidinho.santos@senador.leg.br'; 'cristovam.buarque@senador.leg.br'; 'dalirio.beber@senador.leg.br'; 'dario.berger@senador.leg.br'; 'davi.alcolumbre@senador.leg.br'; 'edison.lobao@senador.leg.br'; 'eduardo.amorim@senador.leg.br'; 'eduardo.braga@senador.leg.br'; 'eduardo.lopes@senador.leg.br'; 'elmano.ferrer@senador.leg.br'; 'eunicio.oliveira@senador.leg.br'; 'fatima.bezerra@senadora.leg.br'; 'fernandobezerra@senador.leg.br'; 'fernando.collor@senador.leg.br'; 'flexa.ribeiro@senador.leg.br'; 'garibaldi.alves@senador.leg.br'; 'gladson.cameli@senador.leg.br'; 'gleisi@senadora.leg.br'; 'helojose@senador.leg.br'; 'humberto.costa@senador.leg.br'; 'ivo.cassol@senador.leg.br'; 'jader.barbalho@senador.leg.br'; 'joao.alberto.souza@senador.leg.br'; 'joao.capiberibe@senador.leg.br'; 'jorge.viana@senador.leg.br'; 'jose.agripino@senador.leg.br'; 'jose.maranhao@senador.leg.br'; 'josededeiros@senador.leg.br'; 'jose.pimentel@senador.leg.br'; 'jose.serra@senador.leg.br'; 'katia.abreu@senadora.leg.br'; 'lasier.martins@senador.leg.br'; 'lidice.mata@senadora.leg.br'; 'lindbergh.farias@senador.leg.br'; 'lucia.vania@senadora.leg.br'; 'magno.malta@senador.leg.br'; 'maria.carmo.alves@senadora.leg.br'; 'marta.suplicy@senadora.leg.br'; 'omar.aziz@senador.leg.br'; 'otto.alencar@senador.leg.br'; 'paulo.bauer@senador.leg.br'; 'paulopaim@senador.leg.br'; 'paulo.rocha@senador.leg.br'; 'pedrochaves@senador.leg.br'; 'raimundo.lira@senador.leg.br'; 'randolfe.rodrigues@senador.leg.br'; 'reginasousa@senadora.leg.br'; 'reguffe@senador.leg.br'; 'renan.calheiros@senador.leg.br'; 'roberto.muniz@senador.leg.br'; 'roberto.requiao@senador.leg.br'; 'robertorochoa@senador.leg.br'; 'romario@senador.leg.br'; 'romero.juca@senador.leg.br'; 'ronaldo.caiado@senador.leg.br'; 'rose.freitas@senadora.leg.br'; 'sergio.petecao@senador.leg.br'; 'simone.tebet@senadora.leg.br'; 'tasso.jereissati@senador.leg.br'; 'telmariomota@senador.leg.br'; 'valdir.raupp@senador.leg.br'; 'vanessa.graziotin@senadora.leg.br'; 'vicentinho.alves@senador.leg.br'; 'waldemir.moka@senador.leg.br'; 'wellington.fagundes@senador.leg.br'; 'wilder.morais@senador.leg.br'; 'zeze.perrella@senador.leg.br'

Assunto: NOVOS AFORISMOS E QUAL É O PAÍS QUE QUEREMOS?

Prezados, vejam a seguir novos aforismos disponíveis no *site*

<https://mw.eco.br/zig/PENSE.pdf> :

- Um país que não se lança a investir, de forma continuada e sistêmica, no aprimoramento do ensino e da pesquisa e do consequente desenvolvimento profissional, científico e tecnológico, é um país que sempre ficará no atraso mundial e com sérios problemas sociais e econômicos decorrentes da ignorância e da incompetência. [*Manfredo Winge – jan 2021*].
- Contra a ignorância enrustida nada valem quaisquer argumentos mesmo que bem elaborados e lastreados em fatos. [*Manfredo Winge – jan 2021*].
- Critique-se e processem-se membros das instituições fundamentais do Estado Democrático de Direito (Executivo, Legislativo, Judiciário) que estejam agindo deletéria a criminosamente, mas preservem-se esses pilares da democracia como prevenção às ditaduras com suas vilanias. [*Manfredo Winge – jan 2021*].
- Sem a associação e o respeito a organismos mundiais representativos das nações e com membros bem escolhidos, as tiranias ficarão livres para destruir o tecido legal, social e humanitário que deve conduzir cada nação. [*Manfredo Winge – jan 2021*]

Com relação ao assunto do primeiro pensamento elencado acima, vejam a matéria do Boletim FAPESP de 27/01/21 em:

<https://agencia.fapesp.br/noventa-entidades-pedem-derrubada-dos-vetos-a-lei-do-fndct/35072/>

Noventa entidades pedem derrubada dos vetos à Lei do FNDCT

“Petição assinada por instituições científicas, acadêmicas e tecnológicas afirma que decisão do Executivo é “catastrófica” e que o país continuará a ser privado de um recurso essencial para o avanço da ciência, tecnologia e inovação”

Cabe então a pergunta:

Afinal, qual é o país que queremos?

é o do eterno atraso e das injustiças sociais ou

é o do desenvolvimento, da justiça social e da paz produtiva?

Críticas (construtivas), comentários e réplicas são sempre bem-vindos !! E poderão ser postados.

Manfredo Winge - <https://mw.eco.br/zig/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: 1º SITE do IG/UnB

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard *(foi-me enviado por e-mail)*

Voltar para o [SITE](#) – Voltar para [Ensino Público no Brasil](#)



[ENVIE SEUS COMENTÁRIOS](#)

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**,... é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE **[Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail](#)**

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione 'Ctrl' e 'F' simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre